

A SBQ e a Evolução da Química Brasileira[#]

Fernando Galembeck

Instituto de Química, Universidade Estadual de Campinas

Em 1977, um grupo de químicos brasileiros reuniu-se para fundar a Sociedade Brasileira de Química. Esta reunião foi decidida após vários esforços, frustrados, de reanimação da então moribunda Associação Brasileira de Química.

A ata de fundação da SBQ foi redigida em um cartaz da Reunião Anual da SBPC, o que deu à nova sociedade dois patronos: a maior e mais importante sociedade científica deste País e o pai do método de Ciência Contemporânea, Galileu Galilei.

A SBQ organizou-se e cresceu rapidamente, posto que a sua existência era uma necessidade; a sua revista foi criada imediatamente, e com ela os químicos brasileiros criaram um espaço para comunicar-se.

Química Nova é, hoje, a mais palpável mudança na Química brasileira decorrente da fundação da SBQ. É uma revista procurada, lida e muito usada para transmitir idéias, resultados de pesquisa, experiências de ensino, textos de difusão. Está nas Bibliotecas, nas estantes, com um aspecto mais colorido do que austero. É um documento vivo, não um repositório de letras sepultadas. É útil e fertilizadora.

Mas a SBQ provocou outras mudanças na Química deste país. Esta Sociedade passou a organizar as sessões de Química da Reunião Anual da SBPC, aí fazendo as suas próprias reuniões anuais. O resultado é hoje palpável: as sessões de comunicação de Química têm nas reuniões anuais da SBPC um peso muito grande, devido ao número de comunicações apresentadas. Este peso tem ajudado a sepultar o mito da Química como área eternamente fraca e improdutiva, no Brasil.

Foram criadas novas sub-áreas, foram organizados debates e mesa-redondas memoráveis através dos quais os pesquisadores químicos formaram uma consciência coletiva e aprenderam a passar do resmungo coletivo para posições claras e corajosas, para reivindicações bem formuladas. Nas reuniões anuais da SBQ a comunidade dos pesquisadores em Química adquiriu uma voz política, clara e digna, visível e desafeita a gabinetes e conchavos. Essa voz não tem sido monótona, já que reflete uma grande multiplicidade de tons e nuances, em suas opiniões. Tem sido, apesar disso ou talvez por isso mesmo, coerente com os propósitos maiores de crescimento qualitativo e quantitativo de uma comunidade de que o País precisa, e que tem respondido bem às demandas que recebe.

À ação organizada da SBQ podem ser atribuídos alguns resultados importantes: a adoção, pelo CNPq, de procedimentos decentes e transparentes na sua ação de fomento; o fim da tenebrosa idéia de liquidação das bibliotecas locais e departamentos de Química, a bem de uma única biblioteca nacional; a afirmação, em documentos oficiais, da pesquisa fundamental como um objetivo social digno e o fim dos projetos de pesquisas básicas travestidos de projetos de salvação nacional.

As primeiras diretorias da SBQ procuraram consolidar a sociedade como a aglutinadora dos químicos acadêmicos, ligados à Universidade. O afastamento inicial dos grandes centros de poder e de recursos materiais – governo e empresas – criou para a SBQ uma

imagem que hoje seria chamada de “xiita”. E isso foi saudável: a Sociedade nunca teve rabo preso a quem quer que fosse. Mais que isso, na fase de depuração pela qual a sociedade brasileira passou enquanto a SBQ vivia os seus primeiros anos foi muito bom não estarmos atrelados, como comunidade, a uma estrutura de poder decadente.

Esta vinculação a uma comunidade universitária, de poucos recursos materiais, não impediu que pesquisadores químicos ligados a órgãos de governo e a empresas se aproximassem da SBQ, como está documentado nas comunicações apresentadas nas reuniões anuais. Portanto, a SBQ ampliou e está ampliando sua alçada continuamente, ancorada em um núcleo e uma proposta inicial de compromisso com a pesquisa, com a qualidade, com a formação de recursos humanos. Esta proposta não foi ainda desmentida e nada indica que o será.

Fora do âmbito da SBQ, a Química brasileira mudou muito, nestes tempos. A partir de 1980 tornou-se nítida a existência, nas empresas nacionais e multinacionais operando no País, de uma consciência de necessidade de capacitação e de autonomia tecnológica. O pós-graduado deixou de ser o bicho estranho para ser um personagem importante no processo industrial do País. O docente universitário deixou de ser o sexólogo de anjos para ser o detentor de conhecimentos, de métodos e de procedimentos avidamente requeridos pela nova dinâmica econômica do País.

A SBQ e os que a fundaram mostraram, então, que eram capazes de antecipar-se, de estarem prontos para o futuro. Futebolisticamente falando, mostraram que sabiam correr para onde a bola iria estar, em vez de correr atrás da bola. Este continua, hoje, a ser o grande desafio: prepararmo-nos para sermos atuais no futuro, em vez de nos condenarmos à eterna obsolescência, apenas, repetindo hoje caminhos que os outros já estão abandonando.

Em 1978, na primeira reunião anual da SBQ, a Química brasileira foi avaliada, área por área. Não tenho dúvidas de que uma nova avaliação, feita hoje, revele um grande avanço, qualitativo e quantitativo: das então novas lideranças, muitas evoluíram tornando-se grupos fortes, de gabarito internacional. Surgiram outras novas lideranças. A Química brasileira cresceu, diversificou-se. Os dez anos que se passaram permitiram que o então sentido vazio de uma geração fosse preenchido.

Estamos bem, hoje? Decerto que estamos muito aquém das necessidades; decerto que nos sentimos muito poucos e pequenos, face à imensidão da nossa tarefa, dos nossos deveres; decerto que ainda não aprendemos a obter os meios necessários para o cumprimento desses deveres e tarefas.

Hoje, os fatos econômicos e sociais criam, para o profissional de pesquisa química brasileiro, circunstâncias que são, a um tempo, desafios, estímulos e agressões. A SBQ é o meio que este profissional tem de reagir criticamente a estes estímulos, responder produtivamente aos desafios e proteger-se contra as agressões. Hoje, como foi nestes dez anos.